

Introdução: “E agora Conseguiram a Nossa Atenção”

No dia 29 de julho de 2007, uma entidade autodenominada Anonymous — na altura desconhecida de todos, a não ser de alguns dos mais eruditos frequentadores da Internet — colocou um vídeo no YouTube. Um som metálico e digital tamborila enquanto sobre um fundo neutro aparece um homem de fato e sem cabeça. Uma voz masculina começa a falar sobre um ruído de fundo: “Prezada Fox News”, entoa.¹ Esta cadeia de notícias tinha recentemente dedicado uma peça em exclusivo a um grupo descrito como “a Máquina de Ódio da Internet” — um título que o coletivo iria em seguida adotar com orgulho.

Mas, tratando-se de um grupo que se diverte com artimanhas e astúcias, limitarmo-nos a rir e a ignorar esta apresentação seria perder uma grande oportunidade. E, assim, a voz inquietantemente pesada e grave dos Anonymous continua: “O nome e a natureza dos Anonymous foram arrasados, como se fossem uma prostituta numa viela, e em seguida foram expostos à curiosidade do público. Permitam-me que afirme simplesmente: não perceberam de todo quem somos e o que somos... Somos toda a gente e não somos ninguém... Somos a face do caos e os arautos do julgamento. Rimos perante a tragédia. Troçamos dos que sofrem. Arruinamos a vida dos outros simplesmente porque isso está ao nosso alcance... Um homem agride um gato, e nós rimos. Centenas de pessoas morrem num desastre de aviação, e nós rimos. Somos a personificação da humanidade sem remorsos, indiferente, sem amor e sem sentido moral.”

O vídeo termina: “CONSEGUIRAM AGORA... A NOSSA... ATENÇÃO.”

Tinham certamente conseguido a minha — pouco depois da publicação do vídeo, fiquei enredada num projeto de investigação de vários anos sobre o coletivo do qual só agora me consegui livrar (este livro

é um monumento a esse esforço). O vídeo pretendia satirizar a caracterização hiperbólica que a Fox News realizara dos Anonymous como os mais radicais autores de partidas e de trolling* na Internet, os “hackers** sob o efeito de esteroides”, como a Fox lhes chamou. E, no entanto, o tom sinistro e o estilo arrepiante transmitiram na perfeição o lado assustador dos trolls; em vez de refutar a caracterização ridiculamente unidimensional da Fox News, o vídeo parecia confirmá-la de forma radical — mas apenas, obviamente, para aqueles que não estavam a par da brincadeira.

Este sentido duplo é a síntese do humor negro dos Anonymous (o *lulz*, como lhe chamam). O *lulz* — um tipo de humor arrevesado e um estado de espírito quase místico — evoluiu com os Anonymous desde o início, como iremos constatar. E houve uma época em que espalhar um caos *lulz* era tudo quanto parecia interessar aos Anonymous. Mas pouco depois deste vídeo parodiante e bombástico, os Anons*** encontravam-se no cerne de centenas de “operações” políticas — tornando-se mesmo parte de algumas das mais relevantes lutas políticas da nossa época. Em solidariedade com os manifestantes na Tunísia, os Anonymous penetraram nos sites do governo deste país em janeiro de 2011; alguns meses mais tarde, os *indignados* de Espanha projetaram a máscara de Guy Fawkes, a assinatura do coletivo, num edifício da Puerta del Sol; e os Anons divulgaram alguns dos primeiros apelos à ocupação de Wall Street.

Nessa altura, o coletivo tinha-se já consolidado como uma força social e política, com uma série de operações que continuam a estar entre as mais notáveis que alguma vez empreendeu. Em 2008, os adeptos de uma nova visão para os Anonymous atacaram a Cientologia quando esta organização controversa procurou censurar um célebre vídeo de Tom Cruise. Tendo surgido com a vocação do *lulz*, os Anons compreenderam a sua capacidade para terem impacto em lutas globais e o prazer que esses confrontos poderiam proporcionar. Os Anonymous tornaram-se ainda mais amplamente conhecidos dois anos mais tarde, em dezembro de 2010, devido à “Operação Vingar Assange”. Iniciada pelo AnonOps, um dos núcleos mais militantes e prolíficos deste

* Na gíria da Internet, um troll é um interveniente que tem como objetivo provocar e irritar os outros internautas, semeando a discórdia. A sua atividade é designada por trolling. (N. T.)

** Indivíduos que se dedicam a conhecer e modificar os aspetos internos de dispositivos, programas e redes de computadores. Graças a esses conhecimentos, conseguem, por exemplo, contornar as barreiras de certos sistemas e ter acesso a certos dados. (N. T.)

*** Abreviatura de Anonymous. (N. T.)

grupo, os Anons envolveram-se numa ação direta digital promovendo uma campanha de ataque distribuído de negação de serviço (DDoS)*. Esta tática, que perturba o acesso às páginas da Internet, inundando-as com grandes vagas de solicitações, foi dirigida contra as instituições financeiras que se tinham recusado a processar as doações ao WikiLeaks, incluindo as empresas PayPal e MasterCard. Na sequência de cada uma das operações, os Anonymous tornaram-se sucessivamente mais arrojados.

E, no entanto, mesmo depois de os Anonymous terem evoluído de um pandemónio ingovernável de trolling para se envolverem na esfera política global, sempre que alguém escrutinava as suas intervenções ativistas — fossem elas um protesto de rua ou uma invasão informática com grande visibilidade —, havia uma pergunta no ar: os Anonymous e os seus seguidores são dissidentes com princípios? Ou são simplesmente miúdos que disparam na Internet como trolls embriagados de luz?

Esta confusão é perfeitamente compreensível. Além de um empenho basilar na conservação do anonimato e de uma dedicação genérica à livre circulação de informação, os Anonymous não têm uma filosofia consistente ou um programa político. Apesar de serem cada vez mais reconhecidos pela sua contestação digital e pelas suas ações diretas, os Anonymous nunca tiveram uma trajetória previsível. Considerando que os Anonymous têm a sua génese no mundo ocasionalmente humorístico, frequentemente ofensivo e, por vezes, profundamente invasivo do trolling na Internet — cuja lógica fundamental parece ser, pelo menos à primeira vista, avessa ao culto das sensibilidades dos ativistas e das iniciativas politizadas —, começa por ser notável que o nome Anonymous se tenha tornado uma bandeira dos ativistas políticos.

Do trolling aos desadaptados do ativismo

Atualmente, a implantação generalizada tanto da máscara de Guy Fawkes, dos Anonymous, como das ideias que acabou por representar para os manifestantes que ocuparam a Praça Tahrir e para os políticos polacos nas câmaras do parlamento parece absurda, se tivermos em conta as origens do coletivo. Antes de 2008, a designação Anonymous era utilizada quase exclusivamente para designar aquilo que um

* Abreviatura de “Distributed Denial of Service”. (N. T.)

Anon descreve como “sacanices na Internet”. O nome Anonymous, que teve origem nas profundezas do painel ocasional /b/ do 4chan (frequentemente considerado o “idiota da Internet”), era um sinónimo de trolling: uma atividade que procura arruinar as reputações de indivíduos e organizações e revelar informação embaraçosa e pessoal. Os trolls procuram incomodar as pessoas divulgando conteúdos chocantes ou perturbadores, provocando discussões ou promovendo a confusão generalizada. O caos das querelas e da irritação pode ser catalisado através da assunção de identidades, crenças e valores apenas pelo seu potencial malicioso; da invasão de fóruns da Internet com *spam*; ou da encomenda de centenas de pizzas, táxis ou mesmo do envio de equipas das forças especiais para a residência da vítima. Qualquer que seja a técnica, os trolls gostam de afirmar que fazem aquilo que fazem apenas pelo lulz — um tipo de humor animado mas por vezes malévolo, que etimologicamente deriva de lol*.

Um dos primeiros ataques de trolling dos Anonymous — que ainda hoje em dia é célebre — teve como alvo uma plataforma virtual chamada Hotel Habbo, cujo mote proclama de forma entusiástica: “Faz amigos, junta-te à diversão, dá nas vistas!” Com um ambiente visual finlandês, destinado aos jovens, encoraja os visitantes a criar avatares engraçados de estilo Lego que podem socializar em conjunto no hotel e personalizar os quartos com “*furni*”. No dia 6 de julho de 2006, os Anonymous entraram em massa no site — apresentando-se todos como homens negros com fatos cinzentos e penteados afro bem visíveis. Navegando dessa forma, conseguiram agrupar-se coletivamente como suásticas humanas e piquetes e assim impedir os membros normais do Habbo (na sua maioria crianças) de entrar na piscina do hotel. Quem procurasse compreender os motivos destas iniciativas era informado pelas personagens de bigode de que a piscina estava fechada “devido a uma avaria e à SIDA”.

Um par de anos depois dos ataques ao Habbo, e apenas seis meses depois de terem sido classificados como “a Máquina de Ódio da Internet”, alguns Anons começaram a utilizar o nome Anonymous e alguma iconografia a ele associada — sobretudo homens sem cabeça com fatos pretos — para coordenar protestos políticos. Esta metamorfose surpreendente brotou daquela que muitos consideram ser uma das mais célebres provocações dos Anonymous: o ataque à Igreja da Cienologia. “De uma forma nunca antes vista”, comentou um participante

* Abreviatura de “laugh out loud”, dar gargalhadas. (N. T.)

dos ataques, “a generalidade da comunidade Anon uniu-se para desencadear uma sólida carga de *fuck you* sobre todo o império do culto da Cientologia”². Impelidos pelo lulz — pelo desejo de desencadear uma avalanche de diabruras hilariantes e aterradoras —, milhares de pessoas embarcaram neste projeto troll, batizado “Projeto Chanologia”, para lançar ataques DDoS contra os sites da Cientologia, encomendar pizzas não pagas e acompanhantes para as igrejas da Cientologia por toda a América do Norte, enviar por fax para as igrejas imagens de partes do corpos nus, e iniciar uma enxurrada de partidas telefónicas, sobretudo contra as linhas de telefone gratuitas da Dianética, estabelecidas para disponibilizar aconselhamento em relação à “primeira tecnologia da mente verdadeiramente funcional”.

À semelhança dos ataques anteriores, muitos esperaram que este entusiástico *fuck you* seguisse o seu curso e se esgotasse após alguns dias de ardis violentos e brincalhões. Mas um curto vídeo feito por um pequeno grupo de participantes — elaborado apenas para efeitos de lulz — desencadeou um debate sério entre os membros dos Anonymous. O vídeo “declarava guerra” a esta Igreja: “Para bem dos vossos seguidores, para bem da humanidade — e para nosso divertimento —, vamos proceder à vossa expulsão da Internet e dismantelar sistematicamente a Igreja da Cientologia na sua forma atual.”³ Esta irónica declaração de guerra estimulou o debate entre as pessoas e em seguida fê-las ir para as ruas. A 10 de fevereiro de 2008, mais de sete mil pessoas em 127 cidades protestaram contra as violações dos direitos humanos e os atos de censura perpetrados pela Igreja da Cientologia.

Os Anonymous (tal como mais tarde um Anon explicou na minha aula) passaram desta forma de “sacanices ultracoordenadas” à divulgação de factos incriminatórios sobre a Cientologia. Estabeleceram também ligações à geração mais velha de dissidentes que já trabalhava para revelar os abusos desta Igreja. O trolling tinha dado lugar a um esforço ativista sério, como se os Anonymous tivessem emergido do seu santuário na Internet para se dedicarem a melhorar o mundo. Ao longo dos dois anos seguintes, alguns membros dos Anonymous deram origem a subgrupos ativistas independentes, e muitos participantes acabaram por se considerar ativistas de pleno direito, embora com um toque transgressor.

Muitas das iniciativas dos Anonymous, como a criação de vídeos publicitários que se tornaram uma referência, são totalmente legais. Mas um subconjunto de táticas — designadamente os ataques DDoS